

HELENA CHAGAS



de Brasília

É coisa da Otan

• Luiz Inácio Lula da Silva já cansou de ser presidente por antecipação. Por isso, a pesquisa CNT/Vox Populi, que aponta sua vitória com 30% dos votos numa eleição hoje, gerou no PT satisfação moderada, desconfiada até. Por ironia, é o outro lado — o dos adversários de Lula — que, inacreditavelmente, está lançando a bomba da sucessão três anos antes da hora. Pode acabar como um daqueles ataques da Otan ao alvo errado.

Todos sabem que, até 2002, muitas águas vão rolar. Mas, como dizia Ulysses Guimarães, aqui não tem bobo — o bobo ficou lá no estado e não se elegeu nem suplente. Quando se lançam para 2002, PMDB, PFL e PSDB estão fazendo jogadas de curtíssimo prazo, de olho em objetivos imediatos como a eleição de 2000 e nos recados que querem mandar ao Planalto.

Quando afirma que terá candidato em 2002, o PFL quer dizer a Fernando Henrique que tem projeto político próprio e que pode, a qualquer momento, abandonar o Governo para cuidar dele. Não fará isso. Mas está insatisfeito e achou por bem dar um susto no presidente. Desde o início desse segundo mandato, a cúpula pefelista vem mostrando contrariedade com nomeações — incluindo aí as da Petrobras — e não-nomeações de FH. No último caso, com a demora no atendimento de suas indicações.

Sem falar na irritação com a falta de ação do Planalto aos avanços do PMDB com sua CPI dos Bancos — a jogada política mais bem arquitetada dos últimos tempos.

Ao lado disso, chegou a hora de começar a se cacifar para as eleições municipais do próximo ano. Há grande preocupação com esse assunto em todos os partidos da base, que temem levar uma surra das oposições em consequência da baixa popularidade do Governo. Por isso, raciocinam todos, não custa tentar descolar um pouco a imagem da de FH nesses tempos de baixo astral. Ainda que, melhorando as coisas, corram todos de volta.

Como aliado do Planalto, o senador Antônio Carlos Magalhães não defende o início precoce da corrida sucessória e vai até tentar segurar o debate em seu partido. Mas o pré-lançamento de seu nome, associado a um projeto de poder para 2002, tende a fortalecer as bases e as candidaturas pefelistas nas eleições municipais.

O PMDB pensa da mesma forma. Fatura ao máximo sua CPI dos Bancos, que a mesma pesquisa da CNT mostrou ter o apoio de 64% dos que sabem de sua existência. E não se cansa de espalhar aos quatro ventos, inclusive no programa em cadeia de rádio e televisão da semana passada, que terá candidato à sucessão de FH.

Na verdade, ainda não tem. Seu nome mais forte é Itamar Franco, que, com um adversário como ACM, tornaria a campanha presidencial no mínimo movimentada. Mas os caciques peemedebistas têm sérios temores quanto a essa candidatura. Temem ser chu-

tados para escanteio ao primeiro minuto do novo governo se o correligionário eleito for.

A ficha dos tucanos costuma demorar mais a cair do que a dos aliados nas articulações políticas. Mas, nesse caso de sucessão, não querem ficar para trás. Sábado, na convenção nacional do PSDB, o governador Mário Covas — nome mais forte do partido para 2002 — vai ter que cortar um dobrado para escapar às manifestações pró-candidatura.

Só que o jogo é perigosíssimo. Quando estourar a bomba da sucessão, vai sobrar estilhaço para tudo quanto é lado no Governo, incluindo os postos do PMDB, do PFL e do PSDB. Os aliados não são da Otan, mas estão aprendendo com perfeição a arte de bombardear alvos errados. Desativar essa bomba é hoje a preocupação do Planalto.

Depois de suar a camisa para jogar água morna na fervura da CPI dos Bancos, Fernando Henrique e auxiliares não querem imaginar nem em seus pesadelos uma campanha antecipada. É o pior cenário possível para quem quer retomar o comando do processo político e mudar a cara do Governo.

Com os aliados em campanha ostensiva, FH corre o risco de virar nos próximos três anos uma espécie de zumbi político cuja única ocupação será escapar ao tiroteio dos candidatos. Que vai fazer tantos mortos e feridos que pode não sobrar ninguém na base governista para se candidatar em 2002.

Por enquanto, a estratégia do Planalto é não passar recibo diretamente. A pesquisa CNT/Vox, incluindo o dado de que hoje 65% das pessoas não votariam num candidato indicado por FH, não mereceu comentários públicos. A convenção do PFL virou fato natural.

— Foi uma decisão de convenção. Não pode é virar uma obsessão partidária — diz o ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga.

A esperança do Governo é que o assunto vá esfriando ao sabor de declarações de caciques como Antônio Carlos e Covas, os futuros adversários que nunca concordam em nada mas agora saem em campo para afirmar que é muito cedo para se falar em sucessão.

Pode ser que consigam. Mas é um pouco como chorar sobre o leite derramado. A essa altura, não dá para fingir que não houve o que houve. Pode-se até silenciar o debate, mas dificilmente haverá máquina do tempo capaz de fazer voltar aquela época em que o Governo Fernando Henrique era forte e controlava seus aliados.